

Observação psicanalítica de uma criança: a propósito de um caso

LUIZA BRANCO VICENTE (*)

André é enviado ao Instituto de Psicanálise, via uma colega psicanalista, com indicação específica de uma Análise Infantil.

É neste contexto, que recebemos os pais e procedemos à entrevista da criança. Se bem que este procedimento preliminar tenha neste caso, dado aso a um processo psicanalítico, tal não invalida o valor intrínseco às entrevistas que quando, como é o caso, são efectuadas a partir de um «vertex» psicanalítico, viabilizam uma clarificação do funcionamento mental. É pois nesta dimensão, que elas ganham o seu significado.

ENTREVISTA COM OS PAIS E COM A CRIANÇA

O André tem nove anos e sete meses, é filho único, frequenta a 4.ª classe, nasceu e habita nos arredores de Lisboa. Procura ajuda a conselho de uma professora, por esta considerar que este necessitava de apoio psicológico.

Os seus pais têm 40 e 39 anos, estão ambos ligados a profissões de artes visuais.

Na primeira entrevista, André e os pais

chegam atrasados e quando os vejo no corredor, o André vem à frente e à minha apresentação, olha-me com ar interrogativo e ansioso.

Veste jeans, tem cabelo preto e grandes olhos castanhos, e bonito. Quando digo que primeiro falo com os pais e lhe indico a sala de espera, faz um ar triste, desiludido e submisso. Digo-lhe que pode desenhar e deixo-lhe papel e lápis.

ENTREVISTA COM OS PAIS

Já no gabinete, o pai (Sérgio) percorre o espaço, comentando os quadros numa atitude sedutora. A mãe (Joana), com uma indumentária que rapidamente me lembra a geração dos «anos 60», senta-se na cadeira em frente ao meu sofá e é ela quem começa a descrever a sintomatologia de André, procurando sempre a anuência do marido (Sérgio), que ao fim de algum tempo se vem sentar no divã.

– O André é muito tímido... muito fechado – diz Joana. Tem muitos tiques, muitos rituais obsessivos. Faz monólogos, tem lutas imaginárias na rua (salta, faz piruetas), tudo sozinho. Se estiver num ambiente conhecido não o faz; aí, substituí a conversa por sons e gestos.

Passou para a 4.ª classe, mas os professores acham que ele deveria ter apoio..., eu própria estou em psicoterapia. Estou muito pouco com

(*) Faculdade de Medicina de Lisboa. Psiquiatra. Pedopsiquiatra. Psicanalista.

ele, estamos os dois em profissão liberal. O André é tratado por uma empregada antiga, adora-o; têm uma relação muito engraçada, é como se fosse um prolongamento da infância. Às vezes eu e o Sérgio, temos problemas de comunicação – *continua a Joana, depois de um curto silêncio, que interrompeu o seu discurso monocórdico de tom de voz «suave»* – O André tem muito medo da violência, tem uma enorme adoração pelos Super-Heróis, são como deuses. Tem uma relação fundamental com um primo, que só vê nas férias, considera-o o mais inteligente, adoram-se (ele dá-se melhor com a família do pai, eu estou muito afastada da minha). Preocupa-se muito comigo, tem muitos medos... suja as calças (chega a fazê-lo deliberadamente e depois avisa-nos com sinais); este sintoma mantém-se, a minha empregada esconde-nos isso... Tem muito medo do escuro, tem de dormir sempre com as pernas de fora, para fugir... se aparecer um monstro (ele diz que sabe que não é verdade, mas que sabe também que pode acontecer); tem insónias e muitos pesadelos. Fica nauseado com os excrementos do nariz e com as fezes (só aos seis anos é que começou a limpar-se sozinho, mas sempre muito enojado, até do próprio papel higiénico).

A mãe, enquanto fala, vai olhando para o pai que vai confirmando com acenos de cabeça, tendo-se mantido até aí em silêncio.

– Ele tem muito medo das aranhas – *disse finalmente aquele* – diz que vê aranhas, que vê coisas... Tem muitos tiques, para ir à casa de banho percorre a distância entre o quarto e esta quarenta vezes antes de entrar.

Convidados a falar sobre a gravidez, a Joana começa a contar, enquanto o Sérgio baixa os olhos.

– O Sérgio não queria o André – *diz com ar muito frio, embora a «suavidade» do tom de voz se mantenha.* A gravidez foi muito acidentada do ponto de vista emocional, o Sérgio partiu por se recusar a aceitá-la e eu fiquei sozinha desde os três meses. Estive doente, via tudo negro, estava muito deprimida.

Descreve-me, em seguida, um parto muito laborioso (com um período expulsivo muito difícil).

– Perdi muito sangue, foi um período muito mau. O Sérgio voltou, algum tempo depois do André ter nascido e eu aceitei-o; era um passa-

porte para a minha família, para passarem a aceitar o bebé.

O Sérgio que se manteve de olhos baixos, mais e mais como que enrolado sobre si próprio, começa a falar murmurando:

– Bem, quando eu conheci a Joana, eu ainda precisava muito de viver.

Após um breve silêncio, continua:

– Eu não gosto nem nunca gostei muito dela, talvez eu me mantenha lá em casa porque me refugiei no André...

A Joana continua com o seu «eterno sorriso», na face inalterada.

– *O que é que a Joana sente, ao ouvir o Sérgio dizer que nunca gostou muito de si?*

– Ele diz sempre isto. Dantes incomodava-me, mas agora já não sinto nada.

– Não temos nada em comum – *diz o Sérgio.*

– Não, não temos nada em comum – *concorda a Joana.*

– *Há uma coisa que vocês têm em comum, de certeza, é um filho (afirmo eu, numa tentativa de transformar o «fogo cruzado» daquela agressividade latente, tão contrastante com a «suavidade» das expressões verbais e faciais).*

– O Sérgio não aceitou o André, agora dão-se muito bem... Às vezes irrita-me a relação deles! São dois homens e parecem-me, ao mesmo tempo, dois filhos; engano-me frequentemente e não sei qual é o filho e qual é o pai.

Nesta primeira entrevista, soube ainda que o André nasceu de parto normal (com 3,5 quilos); que foi alimentado ao peito (até aos três meses) e que dorme no seu próprio quarto (desde os seis meses).

A sua mãe queria uma «menina para lhe fazer companhia», mas diz-me que aceitou bem o ter sido um rapaz. Da gravidez, salienta a sua grave depressão (não só ao longo da gestação, como também durante o primeiro ano de vida de André). Foi, no entanto, possível reconstruir como se processou o seu desenvolvimento psicomotor.

– *Marcha: Terá sido muito rápida, por volta dos doze meses;*

– *Lateralização: Ambidextro, com predomínio da direita (no entanto, utilização da esquerda na alimentação);*

– *Habilidade manual: Muito hábil;*

– *Concentração: Grande;*

- *Controlo uretral: 3 anos, sem problemas;*
- *Curiosidade sexual: Não manifestada;*
- *Primeira palavra: 2 anos;*
- *Separação: «É muito pegado a mim, preo-
cupa-se muito comigo»;*
- *Escolaridade: Esteve no Liceu Francês até
aos 5 anos, passando depois para o Colégio que
actualmente frequenta;*
- *Socialização: «Ele divide a classe entre
amigos e inimigos. Isola-se muito»;*
- *Expressão das pulsões: «Faz asneiras para
as meninas»;*
- *Sintomas diversos: «Isola-se», gestos ritua-
lizados, conduta fóbica, insónia, terrores noctur-
nos, encoprese.*

*Decido-me terminar a entrevista com os pais
de André para, em seguida, o observar.*

Independentemente do percurso clínico subse-
quente, que virá a ilustrar algumas das problemá-
ticas de André (aqui expressas pelos pais), cha-
mou-nos a atenção o contraste entre a expressão
verbal duma violência conjugal, contrastada com
a «suavidade» com que esta era comunicada
por ambos.

Este modo de isolar o conteúdo emocional da
formação ideativa, ainda quando esta era violenta
e directa, não deixou de ter em nós, obviamente,
evocações interactivas com o sintoma mais
manifesto de André – a encoprese.

Em ambos expressava-se uma relação do bi-
nómio retenção-expulsão, que quer no filho quer
nos pais assumia uma forma preocupante.

Aliás, face ao modo como comunicaram na
primeira entrevista e à gritante disparidade dos
investimentos, decidimos marcar novas entrevis-
tas com os pais (ora separados ora juntos).

PRIMEIRA ENTREVISTA COM A CRIANÇA

*Quando vou buscar o André à sala de espera,
encontro-o a desenhar (desenhos 1 a 6).*

*Ao convidá-lo a acompanhar-me, começa a
desenvolver um conjunto de tiques faciais, per-
guntando-me com ansiedade:*

– *Demora muito? É porque eu tenho que ir à
casa de banho.*

– *Estás muito aflito e pensas que ao ir à casa*

*de banho podes livrar-te, descarregar, parte
dessa aflição.*

*Depois de ter ido à casa de banho, já comigo
no gabinete e face à minha pergunta:*

– *Sabes porque é que vens cá? (Respondeu-
-me de imediato):*

– *É por causa dos tiques.*

– *Tens tiques?*

– *Muitos, muitos.*

– *Fala-me lá sobre isso...*

– *Por exemplo, se toco aqui com um dedo,
tenho que tocar com os outros dedos todos; se
toco com todos, tenho que tocar mais do que
uma vez, várias vezes. Tenho outro problema,
por exemplo, quero passar para ali, ponho um pé
aqui (exemplifica), se ponho este (pé direito)
tenho que pôr o outro exactamente no mesmo
sítio, como se tivesse um risco; lá em casa já está
tudo combinado, os sítios onde eu faço isso. Eu
não posso fazer assim, porque não posso pôr o
pé esquerdo no risco sem pôr, ao mesmo tempo,
o pé direito... é um problema enorme, tenho que
andar assim (e começa a saltitar com os dois pés
juntos, com grande ansiedade, passando com-
pulsivamente ao ritual). Quando toco no ângulo
desta porta, tenho que tocar neste várias vezes
(exemplifica compulsivamente). As coisas têm de
ser sempre a dois, sempre iguais.*

– *Sempre iguais, como se a diferença te fosse
insuportável, ameaçadora de confusão e de de-
sordem. (André escuta-me atento e pela primeira
vez sorri-me tristemente, depois fica em silêncio
a olhar-me).*

– *Há coisas que têm que ser sempre a dois.
Queres-me falar dos teus pais?*

– *Não há muito para contar. Sobre o que fiz
com eles ou o que faço com eles no dia a dia?*

*Faço-lhe um gesto a incentivá-lo a continuar
como quisesse.*

– *Compraram-me, por grande sorte minha,
claro (abre os braços para o céu e acrescenta,
tristemente), um Timex Quartz no início das fé-
rias do verão. Este é o da minha mãe, o outro
usa-o ela.*

– *Porquê?*

– *Porque se o levasse para a escola, ficava em
fanicos.*

– *Seria? (Sorri... e fica em silêncio olhando-
-me).*

– *Tu costumavas sonhar?*

– *Agora, estou a tomar um remédio para não*

ter pesadelos; mas disso, o meu pai é que sabe, porque antes tomava-os ele... É para não sonhar com aqueles bichos horrorosos, outro dia sonhei com um grilo que tinha patas e tal, antenas enormes... Primeiro era uma estrada de areia com arbustos à volta (tinha uma vedação de pedra), depois tinha uma praiazinha cheia de pedras e via-se assim um caminho de areia e depois do lado direito via-se a praia com rochas e do outro lado eram arbustos. Depois estavam um homem e uma mulher a andar de cá para lá na estrada de areia, a seguir apareceu uma outra mulher com um carrinho e na parte de cima do carrinho não se via bem, mas havia um buraco. O homem e a mulher (que andavam na estrada de areia), perguntaram à outra que trazia o carrinho: – Onde é que era a vila não sei quê? A mulher que trazia o carrinho começou a pôr frutos, azeitonas, cerejas e depois o homem perguntou à mulher: Vejam lá se o não sei quantos, já estava a aparecer? Depois aparecia o grilo com aquelas garras enormes, o homem e a mulher diziam: – Que horror! (*desenha – desenho 7*) – e aí acordei e fui para o quarto dos pais. Há lá um colchão com lençóis e eu durmo lá ao lado do pai (com a mão dada com ele). Às vezes, ele dá-me uma colher com iogurte e sem eu saber, põe lá o remédio. Ontem, fiz uma aposta com a mãe em como não ia ter pesadelo – se eu ganhasse – ganhava 35\$00; se não – eu fazia-lhe um favor, fazia-lhe a cama.

Começa, compulsivamente, em rituais gestuais com as mãos e face.

– *O que é que estás a sentir?*

– Não sei ..., sei que fazer esta mímica, me faz muito bem. Sei fazer mímica muito bem.

– *Como se ao fazeres a mímica, quisesses controlar a aflição que te provoca esse grilo, que está meio escondido entre as coisas dessa mulher.*

– *À medida que vou falando, André vai diminuindo o ritual e ficando mais tranquilo.*

– *Aprendi a brincar sozinho... (fica em silêncio, triste) ... lá no recreio da escola, quase nunca brinco com ninguém...*

– *Sentes-te muito sozinho ...*

– *Sim, às vezes brinco à Galáctica, com a mímica.*

– *Serves-te da Galáctica e da mímica para não sentires e pensares tanto na tua tristeza e solidão; mas ao partires na tua Galáctica, vais*

ficando cada vez mais só e com menos hipóteses de brincar com os outros.

– *Lá na Galáctica uso os tiques, principalmente... (mesmo sem uma pessoa ver, cá por dentro estou sempre a fazer tiques). Eu toco aqui no sofá com a mão direita e tenho que tocar com a esquerda, só que o que é pior é que como foi esta a primeira, tem que ser agora a outra e tenho que fazer várias vezes... (inicia o ritual) ... Já sei! Agora bato com as duas mãos no sofá.*

– *Escuta André estou aqui, não partas.*

Suspende o ritual e olha-me, comentando em seguida:

– *Quer saber os meus dias? 8:45h abre a escola e até 9:45h aula, 11:00h recreio; 11:30h voltamos às aulas, 12:40h almoçar, 14:00h vamos para as aulas outra vez até às 16:00h, depois é a despedida.*

– *E o vazio ...*

– *Eu ainda tenho um outro grande problema, são os pensamentos. Imagine que eu estou num precipício. Imagine o Mar Antártico e que se vê os planetas todos; se o globo fosse do tamanho desta sala, eu estava no Antártico virado para a Europa (é como se eu estivesse num globo do tamanho desta sala), eu estava a andar para a Europa (*dirige-se a mim*). Às vezes sinto-me mesmo no Antártico, quase que vou ao fundo mas vou-me aguentando, é como se a água fosse gelo; ficava lá um buraco. Imagino que está lá um precipício, que lá está escuro, depois não consigo subir (*começa, compulsivamente, a fazer mímica com as mãos, como se fosse um robot*), mesmo agora imagino que este homem-robot que está aqui sou eu.*

– *Um homem-robot não sente (digo-lhe com emoção), tu sentes, tu pensas. Eu e tu, aqui os dois vamos poder falar e sentir esse teu gelo sem submergires nesse teu Antártico, iremos os dois a esse teu buraco escuro e eu não te vou deixar cair no precipício. Comigo vais-te aguentar sem ficares no fundo, sem enlouqueceres, vais a pouco e pouco poder começar a pensar esses pensamentos.*

A decisão estava tomada, tentaria ajudar o André a não se deixar submergir nesse «Antártico» de água gelada e naquele «buraco escuro». Assim, proponho-lhe que nos encontremos dois dias depois, para começarmos a nossa aventura e aos pais faço a proposta de o

André iniciar uma psicanálise, com uma periodicidade de quatro vezes por semana.

Como podemos constatar nesta primeira entrevista, André utiliza uma linguagem parametrizada por dados de informação oriundos de um tipo de cultura que lhe é familiar (via ficção científica).

A sua expressão caracteriza-se por uma linguagem (que não obstante ser correcta e rica do ponto de vista da informação), visa uma avidez de esclarecimento desprovida de afecto. Por exemplo, nesta entrevista André utiliza Antártico e Europa, para designar o seu funcionamento psíquico.

É então evidente, que ele tem consciência da própria antinomia. Para além da antinomia masculino-feminino, que é óbvia, tem de saltar do Antártico para a Europa, portanto, saltar de um para o outro e esse salto não o podemos deixar de articular com o próprio sintoma da criança. A única solução para um buraco desses é o salto, assim, André passa de um para o outro, pondo os pés no mesmo lado, isto é, ou estando com os dois pés no Antártico ou com os dois pés na Europa. Se fica no meio é um vazio profundíssimo, que tem a ver provavelmente com os seus sentimentos e as suas angústias mais primitivas; ensaia então resolvê-los desta forma, ou seja, os sentimentos de separação e de hostilidade face aos pais ficam resolvidos com o salto do Antártico para a Europa.

Diante desta entrevista é de realçar, ainda, aspectos que virão a ser muito importantes ao longo do trabalho psicanalítico.

Em primeiro lugar, repetimos, as capacidades (verbal, expressiva, gráfica e onírica), no seu conjunto são notáveis e são sinais duma presença significativa de uma capacidade reflexiva sobre ele mesmo, bem como sobre os afectos depressivos que pontuam toda a sessão. Por estas razões, podemos falar da presença de um aparelho de pensar o pensamento (bastante visível ao longo de toda a entrevista). Tudo isto é ainda muito importante, na avaliação da capacidade de interacção.

Outra coisa importante, é a resposta dada às

formulações interpretativas que foram feitas, a criança responde àquelas com uma comunicação que se faz em cima do que foi dito e nesse sentido mostra uma autêntica capacidade de escuta da interpretação e do afecto depressivo subsequente.

Um outro ponto que ressalta é a interacção terapêutica, visível aliás na formulação interpretativa «espera, não partas». Através desta intervenção, podemos entrar em contacto com a parte de André prestes a partir para um mundo mental dominado pelo isolamento e pelos aspectos não comunicacionais.

Este lado é aliás evidente no modo e na forma cronométrica como André descreve o seu próprio quotidiano (às 12:00h faço isto, às 13:00h faço aquilo, etc.).

Não nos podemos esquecer, no entanto, que estas medidas temporais servem também para pôr ordem na parte psicótica da personalidade.

É, provavelmente, esse o sentido da frase «Graças a Deus que me deram um Timex Quartz»; sem estas medidas do tempo externo, André temeria perder-se num mundo sem qualquer espécie de indicação.

Torna-se então visível o duplo sentido da inscrição do sintoma.

Por um lado, ele assume-se como luta destinada a obsessionalizar as partes psicóticas da personalidade da criança e *a fortiori* como defesa contra a erupção de aspectos primitivos (aquilo que se passa entre o Antártico e a Europa, um mundo gelado e escuro sem possibilidade alguma de iluminar algo, de ser algo).

Por outro lado, o sintoma representa a relação (salto) entre objectos internos e externos; aí, ele tem medo de ficar num mundo sem significação e por isso ritualiza, salta de um lado para o outro (como defesa face aos sentimentos mais primitivos).

Há então uma articulação entre o sintoma e o trans-sintoma, que é o ficar no escuro, no qual não há esperança. Se o contraponto ao frio é o calor (sinal do mundo), ali – neste seu mundo, não há nada.

Devemos ainda salientar o outro lado do sintoma da criança, a dificuldade em incluir-se numa relação triangular – só sempre a dois.

O desenho (Figura 7), esclarece-nos aqui cla-

ramente: temos de um lado os objectos parentais, do outro uma mulher da qual pode emergir um grilo (ou seja, do interior de um objecto pode emergir algo de destrutivo, voraz, mortífero); há também este sentimento de que este casal (que é o casal edipiano), também não pode fazer nada, não o pode defender.

Inscreve-se aqui uma articulação entre um mundo triangular e um mundo dual (mais primitivo), do qual pode emergir um terror sem nome. Trata-se provavelmente de uma pré-concepção predatória, de um fantasma de ataque e destruição.

Encontra-se aqui de novo, um e dois, ou seja: dela pode emergir um grilo terrível, mas deles também o que é que pode emergir? Não existe no objecto combinado, defesa alguma.

É evidente que perante um grilo ou perante um buraco de uma Antárctica, a criança tenha que usar o controlo onnipotente; mas face às emoções edipianas, é provável que aquele controlo seja mais anal.

Em resumo, podemos afirmar que a criança se apresenta em termos sintomáticos como aparentável a uma estrutura obsessiva, na qual no entanto a singularidade da sua expressão (as estruturas cognitivas formuladas como Antárctica e Europa), a articulação entre o controlo onnipotente e o controlo verbal se apresentam como elementos constantemente conjugados.

Trata-se então, não tanto da estrutura obsessiva mas de uma meta-estrutura, ou seja, de uma

estrutura abstraída da estrutura e com a qual tentamos entrar em contacto.

RESUMO

Apresentamos neste artigo, uma primeira entrevista com uma criança de 9 anos de idade, que mais tarde veio a ser seguida em processo analítico.

Pretendemos demonstrar como uma observação «fina» do material apresentado, pode permitir ao psicoterapeuta infantil e/ou analista a criação de um conjunto de hipóteses explicativas, as quais desde que colocadas como «Conjecturas Especulativas» (Bion), poderão servir como guia na persecução do trabalho psicoterapêutico ou mesmo como «Exame Psicológico» do funcionamento mental.

Palavras-chave: Método observacional, psicanálise, mundo psíquico, funcionamento mental.

ABSTRACT

We present in this article, a first interview with a 9 year old child, that was later followed in analytical process.

We pretend to demonstrate how a «close» observation of the presented material, can allow the child's psychotherapist and/or analyst, the creation of a whole of explaining hypothesis, which since appointed as «Speculative Conjectures» (Bion), can serve as a guide in the persecution of the psychotherapeutic work or even as a «psychological examination» of the mental functioning.

Key words: Observational method, psychoanalysis, psychic world, mental functioning.

Primeiros desenhos feitos por André, ainda na sala de espera enquanto decorria a primeira entrevista com os pais

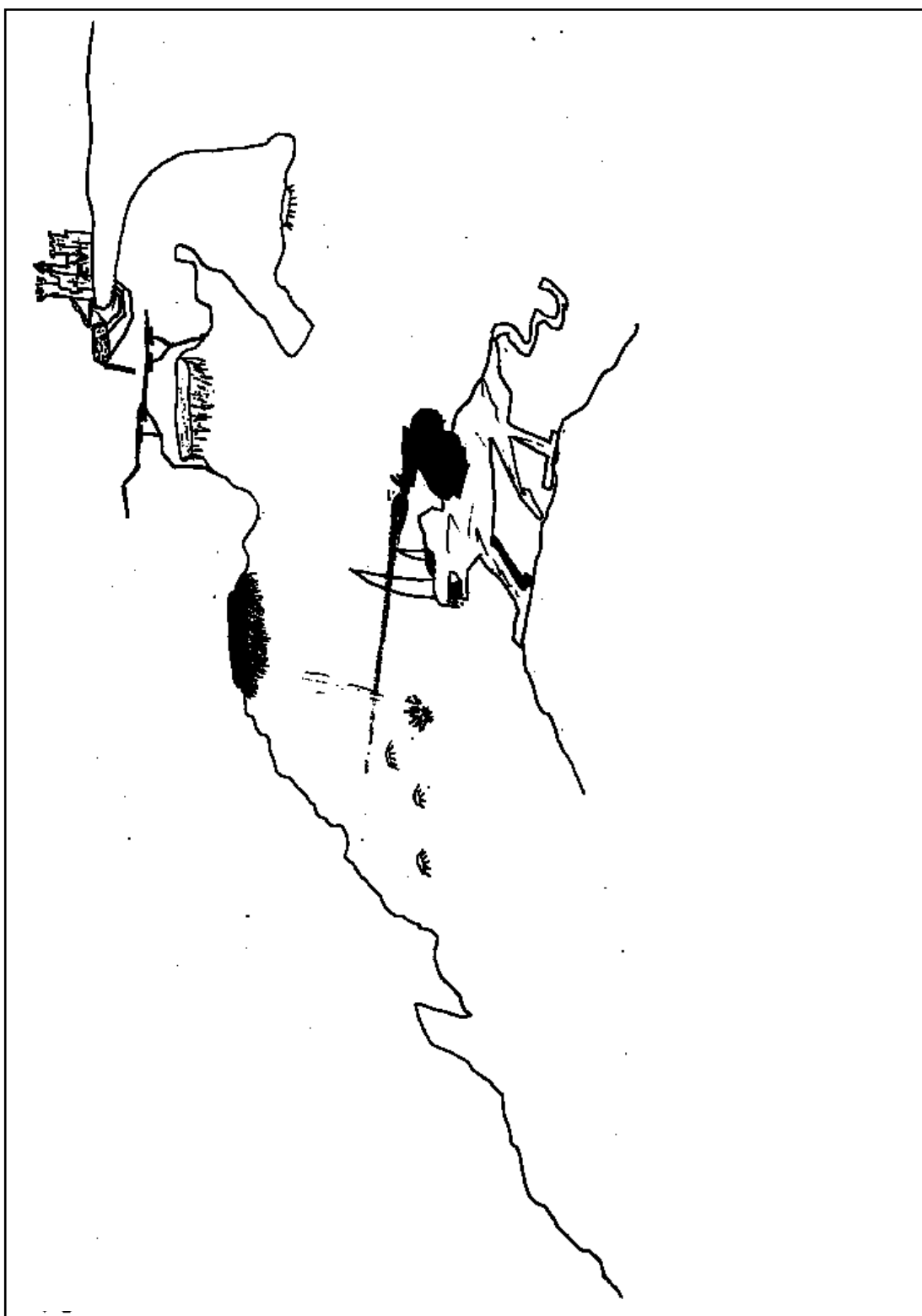


FIGURA 1

FIGURA 2

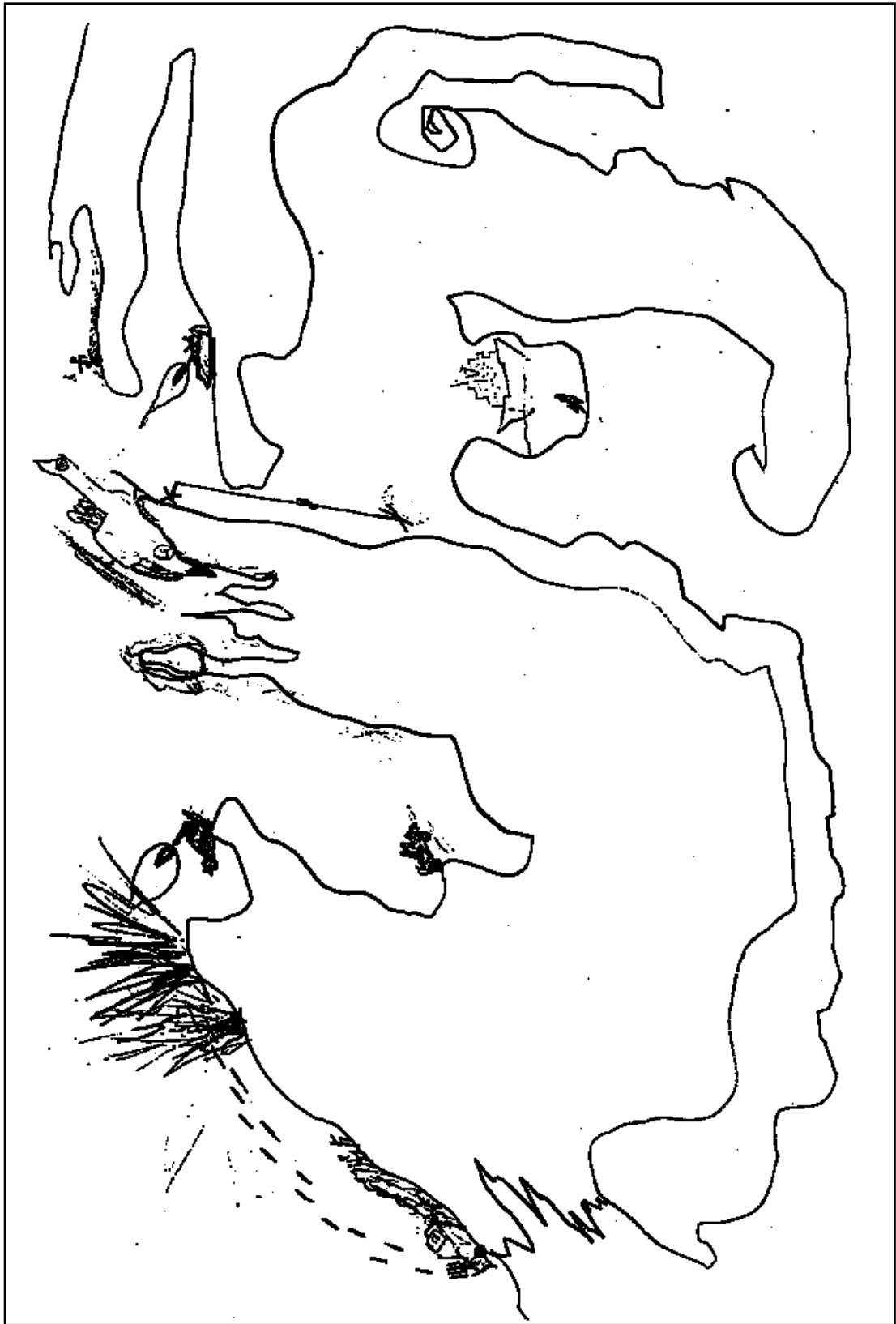


FIGURA 3

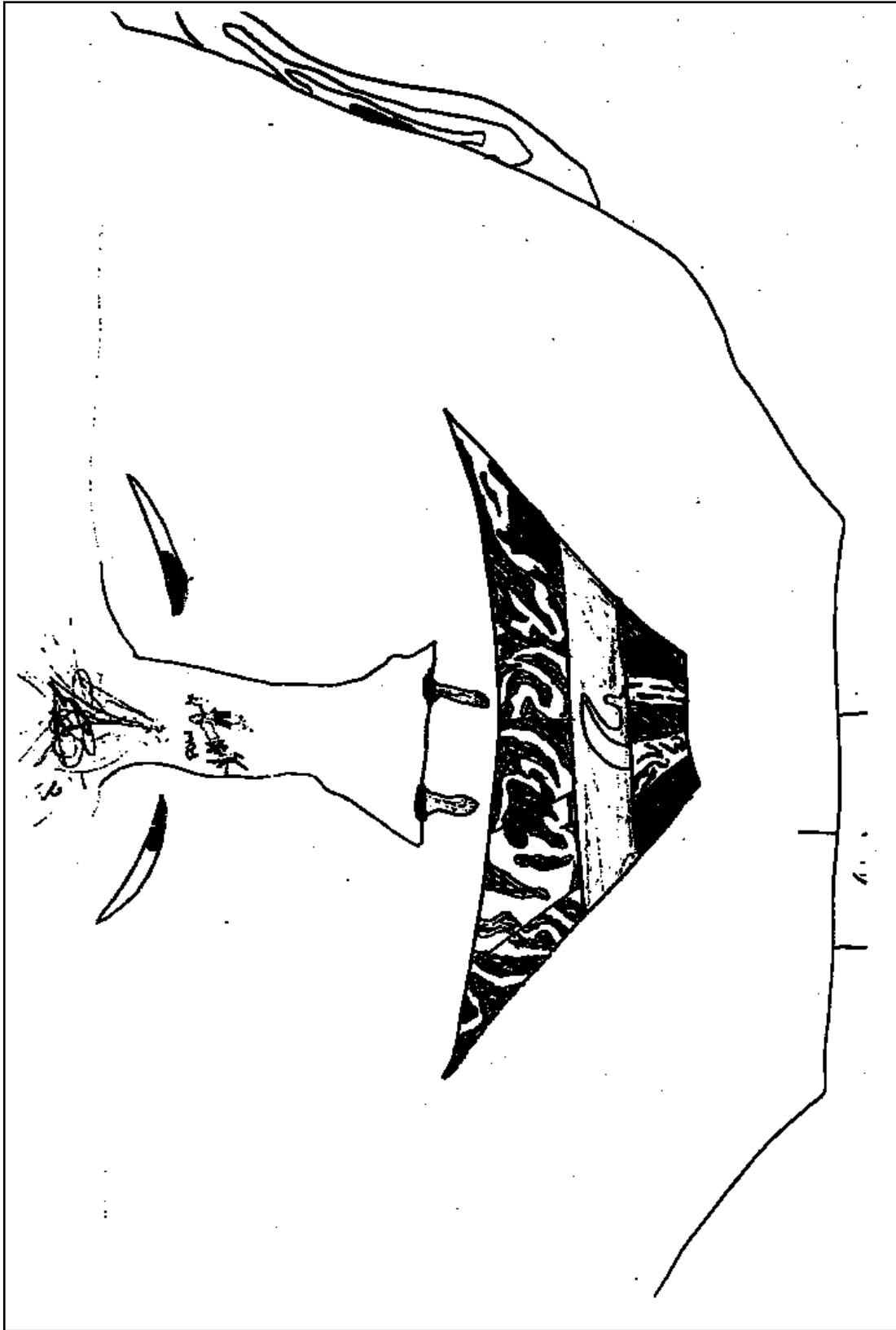


FIGURA 4

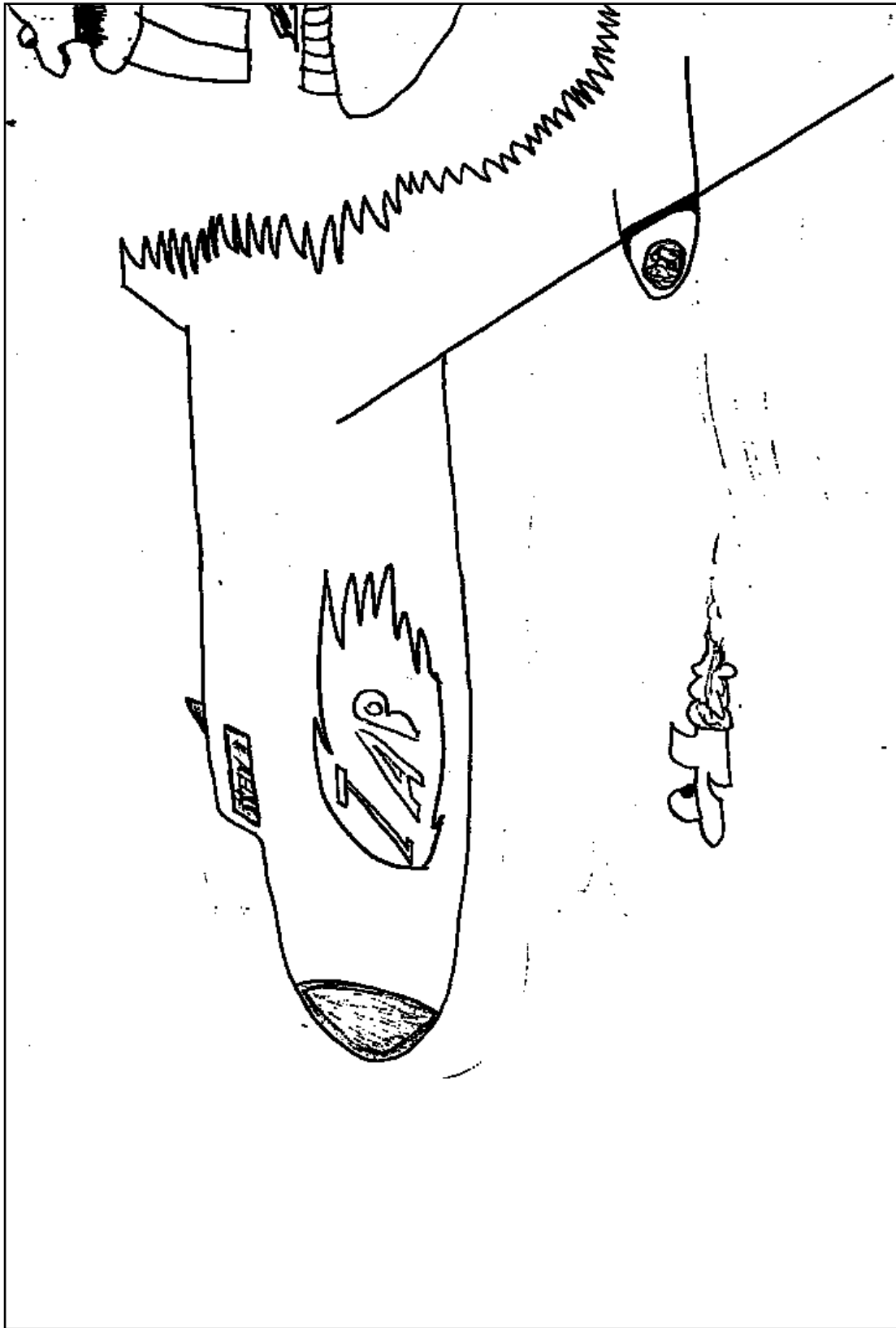


FIGURA 5

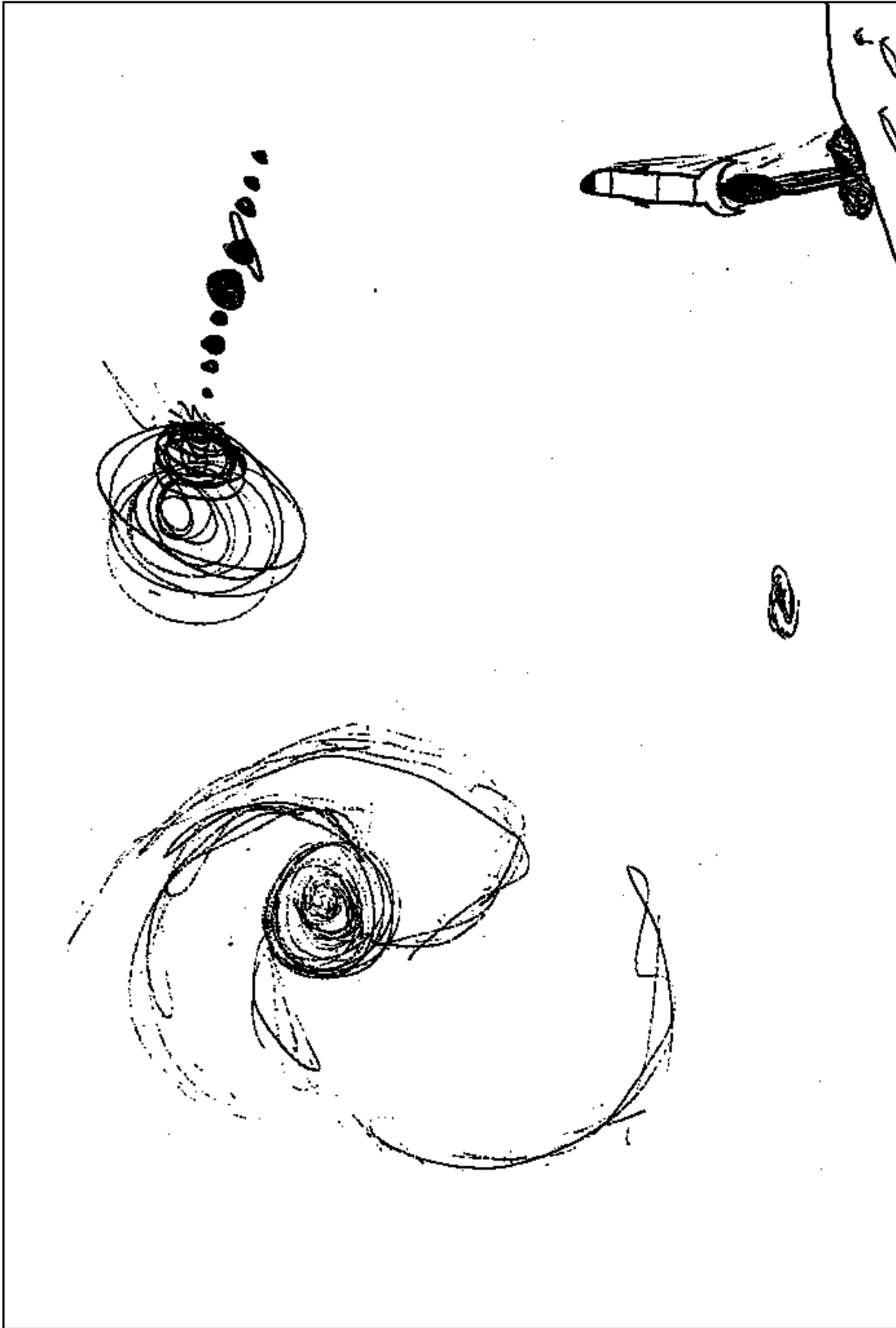


FIGURA 6

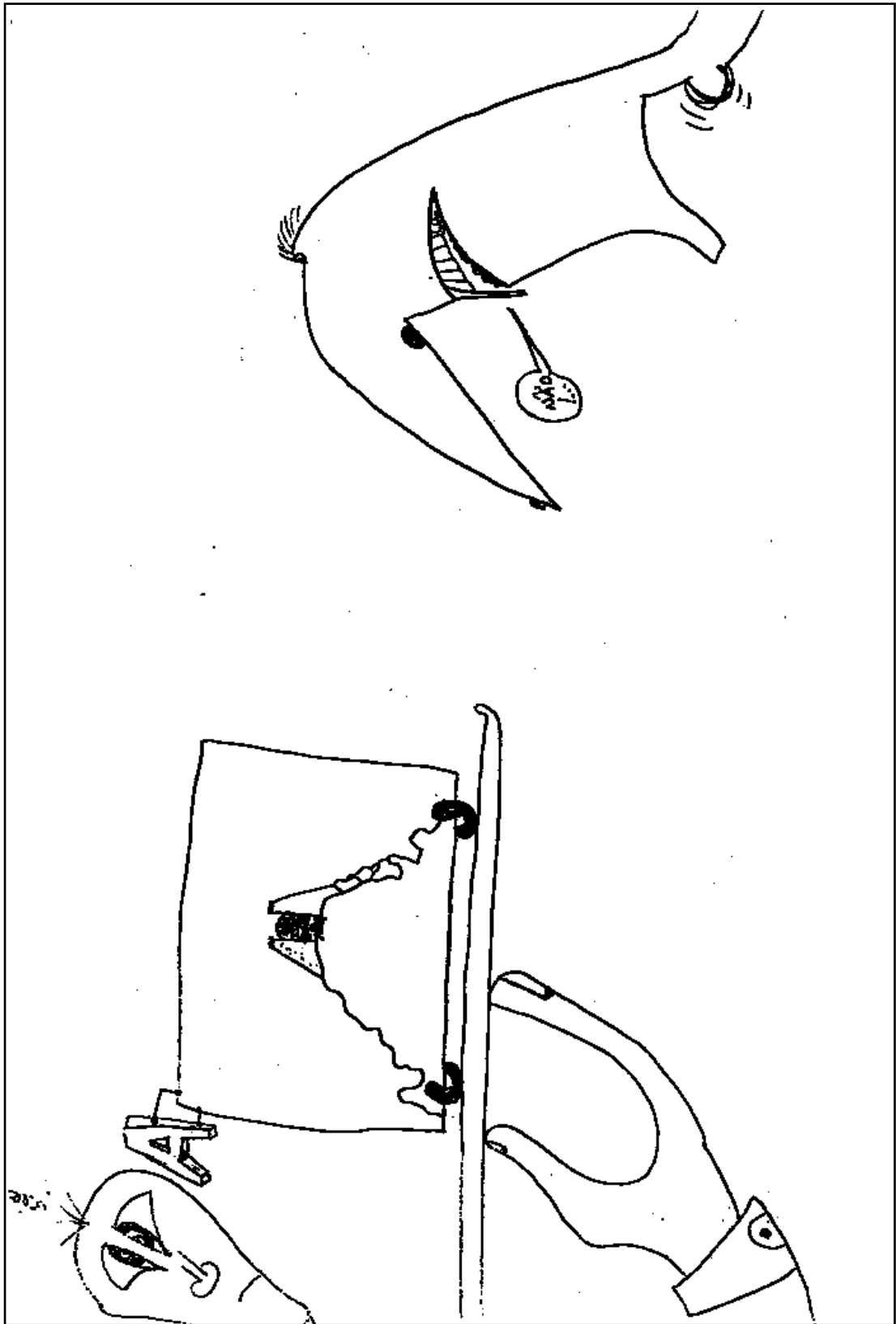


FIGURA 7

